



O mal-estar nas aulas de Língua Portuguesa para alunos surdos na escola inclusiva

Autoria: Onilda Aparecida Gondim - - -

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar e problematizar o modo como a Língua Portuguesa, L2 para alunos surdos, tem sido tomada como objeto de ensino para estes alunos, em duas escolas regulares ditas "inclusivas" em Goiás. De modo específico, trataremos neste trabalho, sobre os eixos da leitura e da escrita. Os surdos a que nos referimos são filhos de pais ouvintes. A problematização deste trabalho está circunscrita à questão de que o aluno surdo, filho de pais ouvintes possui condição diferente da do aluno que já é usuário de libras e já se comunica por ela. Isso porque este em sua maioria chega à escola sem saber libras e sem repertório linguístico necessário à aprendizagem. Essa realidade implica efeitos para a própria relação do aluno surdo com os saberes que estão em jogo no espaço de sala de aula, tendo em vista a mediação exercida pelo professor e intérprete. Desse modo, à luz da Análise de Discurso francesa, preconizada por Pêcheux, perguntamo-nos: Que língua-idioma será tomada como base para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita quando o aluno surdo não domina sua primeira língua, a libras? O método que trilharemos para realizar esta tese aposta na perspectiva de que a educação inclusiva para alunos surdos deve ser tomada em sua complexidade, negando a homogeneização e concebendo-os como singulares e heterogêneos. Apresentaremos alguns excertos discursivos que ilustram a rarefação da aprendizagem, a resistência e a não identificação dos alunos enfocados com a libras. Estes fatores advêm do modo com a surdez é significada a estes alunos, ou seja, como patologia. Nesse sentido, os alunos surdos são apagados e silenciados nas práticas de leitura e de escrita em sala de aula. Palavras-chave: Inclusão; surdez; Língua Portuguesa